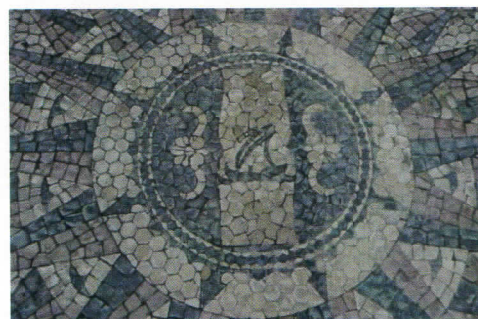


Fanhões: Terra dos Homens da Pedra



Com o livro "Fanhões – Homines Petrae" (Os Homens da Pedra)*, quiseram os seus autores, Ernesto Matos e Lonha Heilmair, homenagear os calceteiros ** dessa terra do norte do concelho de Loures, através de uma ampla documentação fotográfica, uma abordagem dos aspectos históricos e sociais da arte e da vida profissional destas personagens, testemunhos de calceteiros e moradores e uma rica amostra de poesia em torno da terra, da calçada e do labor de quem a trabalha.

A calçada portuguesa, a obra e a sua fama, deve muito ao empenho e à arte desta gente de Fanhões. Ao longo de grande parte do século XX, calceteiros dessa freguesia, composta pelas localidades de Fanhões, Casainhos, Torre da Besoeira, Ribas de Baixo e Ribas de Cima com o Alto do Andrade, incrustada nas encostas que sobem das terras setentrionais de Loures até Cabeço de Montachique, iam a Lisboa embelezar os pavimentos de muitas praças e ruas, e dali a outros sítios espalhados pelo País, ilhas incluídas, e também para as antigas colónias e vários países pelo mundo fora..

Se a obra dos fanhoeiros calceteiros tem vindo a universalizar-se, a própria freguesia de origem guarda os reflexos da presença ativa destes seus naturais. É frequente em toda a freguesia e nos territórios contíguos, como por exemplo Pintéus, encontrar obras em calçada nos pavimentos de largos e passeios, em quintais, pátios e até dentro de casas, na sala, cozinha, corredores, quartos, quando pertencem a calceteiros. Muitos deles já faleceram, outros continuam vivos e, mesmo que reformados, ativos enquanto artistas, onde o caso mais visível é o Zé da Clara e a sua "Galeria das Calçadas", um verdadeiro museu, em parte coberto, em parte a céu aberto, na Torre da Besoeira.

O livro convida a visitar a obra dos calceteiros de Fanhões e muito especificamente o testemunho deixado por eles na sua terra, a conhecer uma freguesia semi-rural às portas de Lisboa e a poucos quilómetros de uma zona de intermináveis urbanizações sobre e justapostas, que ostenta, no seu chão

empedrado, o resultado de um empenho enorme de ofício e arte por parte de quem lá vive e viveu, empenho esse que está gravado na memória coletiva da comunidade local, como mostram os registos de conversas sobre esse património e os seus executores, patentes no livro. Uma arte certamente a preservar, não obstante a conjuntura pouco favorável de falta de dignificação deste tipo de trabalho, e que não deve ser varrida da atualidade das nossas cidades, vilas e aldeias, vítima da máxima do lucro acima de tudo.

* Título do livro publicado pela "Sessenta e Nove Manuscritos", em Novembro de 2014

** Não é intuito dos autores ignorar ou denegir a contribuição feminina que começa a existir nesta arte. Os profissionais encontrados e que entram no livro foram, no entanto, todos homens e as respectivas obras de autoria masculina.

